

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**DENISE DE CARVALHO AUGUSTO**

**CULTURA MATERIAL, ICONOGRAFIA E NUMISMÁTICA:  
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS IBÉRICAS E  
ROMANAS**

**Alfenas/MG**

**2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS**

**DENISE DE CARVALHO AUGUSTO**

**CULTURA MATERIAL, ICONOGRAFIA E NUMISMÁTICA:  
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS IBÉRICAS E  
ROMANAS**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em História pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa em História Ibérica. Orientador: Dr. Cláudio Umpierre Carlan.

**Alfenas/MG**

**2021/MG**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Augusto, Denise de Carvalho

A923a Cultura material, iconografia e numismática: as representações femininas ibéricas e romanas/ Denise de Carvalho Augusto – Alfenas, MG, 2022.  
51 f.: il. –

Orientador: Cláudio Umpierre Carlan.  
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) – Universidade Federal de Alfenas, 2021.  
Bibliografia.

1. Cultura material. 2. Representações femininas. 3. Roma. 4. Península Ibérica. I. Carlan, Cláudio Umpierre. II. Título.

Biblioteca Central – Campus Sede

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva  
Bibliotecário-Documentalista CRB6/2735

DENISE DE CARVALHO AUGUSTO

CULTURA MATERIAL, ICONOGRAFIA E  
NUMISMÁTICA: AS  
REPRESENTAÇÕES FEMININAS IBÉRICAS  
E ROMANAS

A Banca examinadora abaixo-assinada aprova a Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovada em: 16 de dezembro de 2021.

Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan  
Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Prof. Dr. Karla Maria Fredel  
Instituição: Universidade Federal de Pelotas - UFPel-RS

Prof. Dr. Filipe Noé da Silva  
Instituição: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP-SP



Documento assinado eletronicamente por **Filipe Noe da Silva**, **Usuário Externo**, em 16/12/2021, às 18:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudio Umpierre Carlan**, **Diretor de Relações Internacionais e Interinstitucionais**, em 16/12/2021, às 18:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **KARLA MARIA FREDEL**, **Usuário Externo**, em 18/12/2021, às 19:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0650757** e o código CRC **94BC73B7**.

## AGRADECIMENTOS

Em 2019, um ano após me formar na graduação, recebi a notícia que transformaria minha vida em vários aspectos: eu havia entrado no Programa de Pós-Graduação em História Ibérica. Foi uma jornada linda de conhecimento intelectual e pedagógico - e até mesmo autoconhecimento - que me possibilitou crescimento científico e pessoal. Hoje apresento o fruto dessa jornada, um trabalho realizado com muito carinho e empenho a fim de abordar historicamente as mulheres ibéricas e romanas na antiguidade e suas representações. Para realizar esse projeto, contei com apoio de várias pessoas; o primeiro que gostaria de agradecer é meu orientador e professor Cláudio Umpierre Carlan, que além de seu apoio intelectual, me acolheu e ajudou no momento que mais precisei; não há palavras suficientes para agradecê-lo. Agradeço a todos os professores pertencentes ao PPGHI por todos ensinamentos proferidos,. Agradeço também ao professor Filipe Noé Silva por toda compreensão e disponibilidade e pelo aprendizado que levarei para toda minha vida. Gratidão eterna a minha querida Mãe, uma mulher forte e guerreira, a minha grande inspiração para estudar as mulheres na História. Agradeço minha família, em especial minha Tia Rosa, que com sua fé inabalável me ajudou a nunca desistir. Aos meus amigos Guilherme, Higor e Rodolfo: obrigada pelos mais de 12 anos de amizade. Todo apoio de vocês me fortaleceu ainda mais nessa caminhada acadêmica. Agradeço ao meu companheiro de vida, meu melhor amigo Felipe, seu apoio e amor incondicional possibilitaram que realizasse meu sonho. Agradeço aos meus demais amigos e familiares que me apoiaram nessa caminhada. O presente trabalho foi realizado com o apoio Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)-Código de financiamento 001

*Dedico a todas as mulheres. Lugar de mulher é na História*

## RESUMO

Durante um vasto período a História das mulheres foi negligenciada. Após o avanço e atualização de vertentes historiográficas, houve um grande aumento na produção historiográfica relacionada às mulheres, sobretudo relacionada ao período da antiguidade. Contudo, mesmo após o avanço historiográfico e apogeu da história das mulheres, ainda é possível encontramos certa resistência a essa vertente histórica, sobretudo voltada aos estudos da antiguidade, que ainda possui um cunho extremamente conservador. Devido a esse fator, a pesquisa em questão se propõe analisar as representações femininas presentes na cultura material ibéricas e romanas. O objetivo principal da pesquisa é compreender como a cultura material - como fonte - nos possibilita uma pesquisa rica, capaz de fazer uma análise profunda das mulheres romanas e ibéricas entre os séculos III e IV d.C. Por meio das fontes, analisaremos as relações sociais ibéricas e romanas, destacando a influência romana sobre o território ibérico após o período de romanização. Através da análise numismática e iconográfica das fontes, será realizada a contextualização histórica de ambas as sociedades a fim problematizar e analisar a mulher, para assim compreender como as mulheres eram representadas e qual era seu papel social na Península Ibérica e em Roma. Por fim, por meio da pesquisa realizada, criaremos um objeto de estudo utilizando novas mídias e comunicações para alunos do ensino básico e médio com propósito de propagar a história das mulheres em ambas as sociedades e o estudo numismático.

**Palavras-Chave:** Cultura material; Representações femininas; Roma; Península Ibérica.

## ABSTRACT

For a long time, the history of women was neglected. After the advancement and updating of historiographic strands, there was a great increase in historiographic production related to women, especially related to the antiquity period. However, even after the historiographical advance and the apogee of women's history, it is still possible to find some resistance to this historical strand, especially focused on antiquity studies, which still has an extremely conservative nature. Due to this factor, the research in question aims to analyze the female representations present in Iberian and Roman material culture. The main objective of the research is to understand how material culture - as a source - allows us a rich research, capable of making a deep analysis of Roman and Iberian women between the 3rd and 4th centuries AD. Through the sources, we will analyze the Iberian and Roman social relations, highlighting the Roman influence on the Iberian territory after the Romanization period. Through the numismatic and iconographic analysis of the sources, the historical contextualization of both societies will be carried out in order to problematize and analyze women, in order to understand how women were represented and their social role in the Iberian Peninsula and Rome. Finally, through the research carried out, we will create an object of study using new media and communications for students in primary and secondary education with the purpose of propagating the history of women in both societies and numismatic study.

**Keywords:** Material culture; Female representations; Rome; Iberian Peninsula.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	HISTÓRIA DAS MULHERES .....	10
3	A HISTORIOGRAFIA DAS MULHERES NO BRASIL. ....	14
4	A MULHER NA ANTIGUIDADE: REPRESENTAÇÕES IBÉRICAS E ROMANAS ...	16
5	DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM.....	27
	REFERÊNCIAS .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, torna-se irreal pensar a história sem a presença das mulheres. Como historiadora, professora e mulher, pensar nesse cenário torna-se inconcebível. Durante longo período, a historiografia limitou-se a narrar fatos e acontecimentos ligados aos grandes nomes, esse fato ficou conhecido por muitos pesquisadores como “história dos vencedores”.

Neste período, a História concentrava-se em um grupo que consistia, em sua grande maioria, em sujeitos históricos do sexo masculino, que tinham suas narrativas interpretadas por meio de documentos oficiais, excluindo por sua vez mulheres, documentos não oficiais (cultura material, fotografias, documentos escritos como diários, contos entre outros) e demais grupos sociais que não se encaixavam no então padrão de pesquisa histórica estabelecido.

Dentro desse contexto é impossível negar o silenciamento sofrido pelas mulheres ao longo da História. Pensando nesse cenário e afunilando para a História Antiga e Estudos Clássicos no geral, é realmente desanimador o panorama encontrado, já que essa área da história, apesar das inúmeras atualizações historiográficas, ainda se encontra imersa em uma extensa camada de conservadorismo, que por sua vez acaba gerando trabalhos que reforçam leituras empíricas de documentos e fontes e, muitas vezes, potencializam hierarquias e patriarcalismo. Além disso, as pesquisas sobre as mulheres dentro desse período por muito tempo concentraram-se somente em mulheres celebres, ignorando totalmente as mulheres das demais camadas da sociedade.

Voltando ao conservadorismo dos estudos Antigos, é importante salientar que, sim existem pesquisadores que estão ainda presos à visão tradicionalista da História antiga, porém, existem pesquisadores que, felizmente, andam na contramão dessa visão. Podemos citar como exemplos Lourdes Feitosa, Pedro Paulo Funari, Cláudio Umpierre Carlan, Paulo Duprat, entre outros nomes. Usando esses e outros autores como referência, o presente trabalho produziu uma pesquisa que tinha como principal foco trabalhar a mulher na Antiguidade, enfatizando as sociedades romana e ibérica.

Para isso, a pesquisa tem o auxílio das fontes da cultura material, que possibilitam uma riqueza historiográfica e melhor leitura das representações femininas do período, possibilitando assim a realização dessa pesquisa e do objeto de aprendizagem e sua aplicação em sala de aula. Desse modo, a pesquisa apresentada, em primeiro momento, se concentra na História das mulheres e sua produção historiográfica no geral para - a posteriori - abordar a mulher na antiguidade. Em segundo momento, a pesquisa se concentra no objeto de

aprendizagem produzido, sua aplicação em sala de aula e sua contribuição pedagógica para a disseminação da historiografia feminina e cultura material.

## 2 HISTÓRIA DAS MULHERES

O surgimento desse campo de estudo teve início na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos na década de 1960, e diversos aspectos sociais, culturais e políticos influenciaram o apogeu da historiografia feminina. Podemos citar como exemplo os fatores científicos ligados à crise do pensamento marxista e do estruturalismo e, como exemplo no antro social, o destaque da subjetividade na historiografia e o advento da *Nouvelle Histoire*<sup>1</sup>.

A questão política também foi de suma importância para o início do estudo historiográfico feminino. O movimento de libertação das mulheres teve seu ápice em meados da década de 1970 e foi, em grande parte, constituído por mulheres letradas. Segundo Michelle Perrot: “Pretendia criticar os saberes constituídos, que se davam como universais a despeito de seu caráter predominantemente masculino” (PERROT,2013, p.20). Em suma pode-se afirmar que a participação da mulher no mercado de trabalho e no meio acadêmico contribuiu para o avanço dos estudos sobre a mulher, iniciando debates sobre o papel das mulheres na História, tentando compreender as diferenças e relações de poder entre os sexos.

Desde de seu início na década de 1960 o campo de estudos femininos vem ganhando espaço na academia, gerando um grande debate sobre as mulheres enquanto sujeito histórico, aumentando assim de maneira significativa o número de estudos relacionados à mulher e estudo de gênero no Brasil e no mundo. Michelle Perrot, em seu livro *Os Excluídos da História*, nos traz uma observação extremamente importante sobre o aumento de pesquisas voltadas para a mulher:

Por outro lado, a pesquisa feminista recente por vezes contribuiu para essa reavaliação do poder das mulheres. Em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procurou mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude dos seus papéis, e mesmo a coerência de sua “cultura” e a existência dos seus poderes. (PERROT,2007 p.155)

Partindo do argumento levantado por Perrot, podemos salientar o que a pesquisa/ estudo sobre mulheres em diversas temporalidades busca combater: a opressão de uma história produzida somente através de uma visão, geralmente uma visão do ponto de vista masculino, feita por meio de fontes que muitas vezes ocultam sua existência ou a apresentam de maneira equivocada. Dentro desse contexto, torna-se necessário discorrer sobre as fontes e

---

<sup>1</sup> Nova História. Compreende-se como a 3º fase da escola dos Annales, que tinha como premissa trabalhar a disciplina História a partir das representações e de estruturas mentais da sociedade.

documentos históricos. Durante muito tempo, a História considerou como fontes somente os documentos oficiais, que evidenciavam a ausência feminina na escrita histórica desse período.

A ausência das mulheres nesses documentos ocorre pela destruição destes arquivos, devido a pouca importância que era dada a fontes voltadas às mulheres. Muitos desses documentos oficiais tinham dados de senso e apresentavam estatística feita de forma assexuada, o que impossibilitava uma fiel análise da fonte. Muitos destes documentos apresentavam lacunas, devido à incorporação do sobrenome do marido ao nome da mulher quando se casava, apagando um de seus sobrenomes, o que tornava irrealizável uma investigação sobre a linhagem de uma mulher e sua família, impossibilitando assim uma análise fiel das fontes oficiais.

Desse modo, pode se afirmar que a introdução à história das mulheres vem acompanhada da discussão sobre documentos históricos, como evidencia a autora Lourdes Conde Feitosa no texto *Masculino e Feminino na sociedade romana*:

Os desafios de uma análise de gênero. Essas discussões feministas vieram acompanhadas de uma redefinição do conceito de documento histórico e, além dos tradicionais escritos oficiais, também ganharam valor documental as inscrições, a iconografia, a numismática, as estátuas, as tumbas funerárias, e muitos outros vestígios arqueológicos que permitiram, desde então, “trazer para a História” as experiências e os olhares femininos (FEITOSA,2012, p.2)

“Escrever história das mulheres é sair do silenciamento em que elas estavam confinadas” (PERROT,2017,p.16). O fato apontado por Michelle Perrot em seu livro *Minha história das mulheres* nos leva a questionar: por que as mulheres no contexto histórico encontravam-se silenciadas? Durante muito tempo, acreditava-se que esse silenciamento da mulher na história deu-se ao fato dessas serem menos vistas no espaço público, atribuindo-se a elas somente o espaço privado das residências:

Em primeiro lugar, porque elas são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas (PERROT,2017. p.17)

A autora nos demonstra ainda que dentro do contexto social, a mulher confinada em sua residência em muitas culturas era visto como meio de controle social já que muitas vezes a mulher é vista como histórica, incapaz de controlar seus atos e suas emoções. Contudo, algumas pesquisas sobre a sociedade de Pompeia demonstram que, mesmo a mulher estando confinada no espaço privado de sua casa, ainda conseguia participar da política local por meio

de exposições de suas preferências. No texto de Lourdes Feitosa, *Gênero e sexualidade no mundo romano: A antiguidade em nossos dias*, a autora nos explica como de certo modo o confinamento ao lar foi importante para que as mulheres de Pompeia pudessem expressar suas opiniões políticas:

Também se encontram referências da participação feminina em discussões políticas em escrutínios locais. Na Pompéia romana, foram encontrados cartazes de propagandas eleitorais, denominados *programmata*, e inscrições em paredes, os grafites, por meio dos quais indicavam os seus candidatos, manifestavam o seu apoio, discutiam e opinavam sobre a política local, mesmo sem poderem, legalmente, participar das eleições. Essas pesquisas ajudam a repensar a ideia do confinamento feminino ao lar, dedicada a fiar a lã e administrar a casa e, portanto, distante da vida pública, do fórum, do centro das decisões políticas e de poder. A própria caracterização da casa romana como um espaço privado, destinado ao descanso e restrito à convivência familiar, agora é discutida sob um ponto de vista arqueológico. Wallace-Hadrill, por exemplo, considera que no interior dessas casas aristocráticas desenvolviam-se articulações políticas e relações de clientelismo com pessoas de diferentes estratos sociais, recebidas em espaços específicos de acordo com a sua posição social. Com isso, o próprio âmbito da casa integraria as duas extensões e levam a supor que mulheres estavam mais próximas de discussões políticas do que o imaginado. (FEITOSA,2008,p.127).

Como apontado pela autora, mesmo a mulher estando imersa no cotidiano do lar, foi possível que a mesma participasse de discussões importantes de sua sociedade, impondo seus argumentos e pensamentos. Todavia, há ainda outros modos de silenciamento que mulher, enquanto sujeito histórico, sofreu. Podemos citar como exemplo o silêncio das fontes escritas oficiais, como foi mencionado anteriormente. “Porque são pouco vistas, pouco se fala delas” (PERROT,2017.p17),essa afirmativa de Perrot explica de maneira simplificada o silêncio das mulheres na história, que ocorreu por muito tempo, partindo do ponto das fontes oficiais, que foram consideradas fontes aceitáveis aos historiadores. As mulheres eram excluídas, pois deixavam poucos vestígios escritos devido ao seu acesso tardio à escrita. Em outros casos, quando havia materiais escritos como diários e produções domésticas, eram destruídos, algumas vezes pelas próprias, autoras por acreditarem que material produzido não teria relevância “...uma desvalorização das mulheres por si mesmas” (PERROT,2017.p.17).

Dentro do contexto do silêncio das fontes escritas oficiais em relação às mulheres, partindo dessa perspectiva, temos que ter em mente que em sua grande maioria, as fontes são produzidas por homens, que em geral trazem um olhar para a figura feminina a partir de sua representação. Partindo desse ponto, muitas vezes as fontes escritas oficiais e não oficiais (crônicas, por exemplo) traziam a mulher à tona de maneira generalizada e com ausência de informações: “É claro que falavam das mulheres, mas generalizando. ‘As mulheres são...’, ‘A

mulher é...'. A prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com ausência de informações precisas e circunstanciadas". (PERROT, 2017, p.17)

E a autora continua:

O mesmo ocorre com as imagens. Produzidas pelos homens, elas nos dizem mais sobre sonhos ou os medos dos artistas do que sobre as mulheres reais. As mulheres são imaginadas, representada, em vez de serem descritas ou contadas. (PERROT, 2017, p.17)

Desse modo, ao escolher as fontes para essa pesquisa concentrei-me em fontes da cultura material que, muito embora possam ter sido produzidas por homens, nos apresentam uma riqueza histórica que possibilita trazer de forma mais desenvolvida a análise das representações das mulheres em sua totalidade social, política e de gênero.

### 3 A HISTORIOGRAFIA DAS MULHERES NO BRASIL.

No Brasil a produção historiográfica teve seu início na década de 1970 e foi fortemente marcada pelo marxismo. Em sua estrutura trazia preocupação da opressão da mulher pelo machismo e capitalismo e também valorizava a entrada da mulher no mercado de trabalho. Um dos trabalhos que no Brasil pode ser visto como precursor foi o livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* da autora Helleith Saffioti<sup>2</sup>, que em sua narração defende que a opressão das mulheres não pode ser analisada fora da luta de classes, e que a luta contra esta opressão só pode ser vencida com luta capitalista.

Por meio dessa influência, foi possível criar um estudo historiográfico feminino que permitia um regaste da vida cotidiana e política das mulheres; as pesquisas produzidas nesse período tinham o enfoque no âmbito do trabalho, de resistência, exclusão trabalhista, greves e lutas trabalhistas. Na década de 1980, os trabalhos tiveram um enfoque maior na vida social da mulher, estes trabalhos contribuíram para uma nova reflexão das relações femininas no âmbito público e privado, reexaminando mitos e estereótipos, como destaca a autora Maria Izilda Santos de Matos no texto *História das mulheres e das relações de gênero: Campo historiográfico, trajetórias e perspectivas*:

Nesta produção, os poderes e lutas femininas foram recobrados, mitos examinados e estereótipos repensados. Num leque de várias correntes e interpretações, recuperam-se a atuação das mulheres como sujeitos ativos de que as imagens de passividade ociosidade e confinamento ao lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando testemunhos femininos. (MATOS,2013, p.7)

As pesquisas realizadas tinham com intuito debater a exclusão feminina e outros fatores aos quais a mulher estava submetida, sobretudo esses trabalhos problematizavam o discurso universal masculino produzido pela historiografia. Diferente da década anterior, a historiografia sobre a mulher, produzida nos anos de 1980, foi profundamente marcada pelos ideais de E.P Thompson. O propósito de incorporar o pensamento Thompsoniano à pesquisa historiográfica feminina era repensar o marxismo na historiografia feminina, como ressalta Maria de Fátima da Cunha no texto *Mulher e historiografia: Da visibilidade à diferença*: “Vale ressaltar que as análises thompsonianas, que acabam influenciando os estudos sobre as mulheres, nascem no bojo de uma discussão muito mais ampla, no repensar do próprio marxismo”. (CUNHA,2000, p.150).

---

<sup>2</sup> Foi uma socióloga marxista, estudiosa em violência de gênero.



Nesse período, com a presença feminina, a historiografia começou a questionar a figura universal masculina, que durante um longo período foi hegemônica: iniciou-se o processo de desconstrução da imagem generalizada feminina que se pautava na raiz biológica e sexista. A partir desse período as pesquisas passaram a pensar e construir a mulher em seu contexto histórico como sujeitos sociais que têm grande expressão na memória social e na história, tanto quanto os homens. Durante esta década, as pesquisas relacionadas ao feminino passam a usar o conceito gênero para trabalhar os estudos correlacionados aos homens e mulheres, a partir daí os estudos produzidos fazem uma crítica à imagem da mulher como “redentora”. Um dos maiores desejos destes estudos também será desconstruir a representação da identidade social da mulher, construída de forma generalizada representada sempre com características de uma mulher branca e de classe média.

Na década de 1990, a produção histográfica concentrou-se nas experiências masculinas e femininas em diferentes perspectivas. Com a expansão de conhecimento ocorrida no campo da pesquisa feminina, foi possível explorar áreas como: religião e educação feminina, casamento, códigos de conduta disciplinares feminino/masculino e representações da mulher e seu corpo presente na literatura, cinema, música e etc. Segundo Maria Izilda Santos Matos, estas novas pesquisas, além de contribuírem para “investigação”, possibilitaram ampliar as visões do passado por meio do uso de novas fontes:

Estas pesquisas têm contribuído para ampliar as visões do passado, entre outros aspectos questionamento a hegemonia de certos corpos documentais (de várias, instituições, Estado e Igrejas), com criatividade e imaginação enfrentaram o desafio de vasculhar arquivos públicos ,acrescidos dos sótão e baús trazendo á luz um mosaico de referências, como: a legislação repressiva , fontes eclesiásticas, médicas, policiais e judiciais , ocorrências, processos-crimes, ações de divórcios, documentação cartorial, censos, sem esquecer as correspondências, memórias, manifestos diários e materiais iconográficos.(MATOS, 2013,p.9)

A historiografia no Brasil de um modo geral passou por um longo processo de amadurecimento metodológico, que contribuiu para a introdução de temas que anteriormente não eram abordados, ou eram abordados de maneira negligenciada. A historiografia feminina se encaixa neste contexto.

#### 4 A MULHER NA ANTIGUIDADE: REPRESENTAÇÕES IBÉRICAS E ROMANAS

A história das mulheres durante muito tempo foi omitida e de certo modo desprezada pela historiografia em geral, como foi apontado anteriormente nesse texto. Michelle Perrot e George Dubby trazem uma reflexão sobre esse período em que as mulheres foram esquecidas na história:

Escrever sobre a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? Elemento frio de um mundo imóvel, elas são águas estagnada, enquanto o homem resplandece e age: afirmavam-nos os Antigos e todos repetem (DUBBY, PERROT, p.7)

Com base nos pontos destacados pelos autores, pode-se afirmar que grande parte do silenciamento sofrido pelas mulheres na história está intimamente ligado às narrativas clássicas que se concentram nos grandes feitos de homens na história e que durante um vasto período foi disseminada na história nas universidades e escolas.

Dito isso, a proposta dessa pesquisa será apresentar uma análise de fontes antigas que trazem representações femininas, apresentando uma análise histórica capaz de traçar aspectos sociais e políticos, fugindo das amarras das visões tradicionalistas das fontes e dos historiadores conservadores.

Quando falamos sobre a mulher na História, temos que ter em mente que dentro das sociedades antigas, seus espaços, deveres, características sociais e até mesmo aspectos relacionados ao corpo eram bem delimitados pelos valores sociais do período.

Desde o nascimento, a criança do sexo feminino é menos desejada, como enfatiza a autora Michelle Perrot: “É menino é mais glorioso do que dizer: É menina, em razão do valor diferente atribuído aos sexos” (PERROT, p.42). Podemos observar esse fato em filmes e livros que apresentam a grande comoção dos casais, em especial do pai, de ter o filho do sexo masculino. Muito disso se deve ao costume antigo no qual somente homens herdavam os poderes e riquezas, tornando-se, após a morte do seu antecessor, o novo chefe da família.

Dentro da sociedade romana, por exemplo, as mulheres tinham seus direitos, deveres e espaços muito bem delimitados. Ao nascer, a criança do sexo feminino tinha total custódia do *paterfamilias*<sup>3</sup>, este por sua vez decidia o destino da jovem até a mesma ter idade mínima para o casamento.

---

<sup>3</sup> Pai de família. De modo geral o chefe da família.

Partindo desse ponto, o casamento de maneira geral sempre foi um evento de grande repercussão na vida da mulher: desde que nascemos, querendo ou não somos preparadas social e culturalmente para este dia, desde a antiguidade. O peso desse evento de certo modo é maior para o lado feminino, já que desde muito jovem a mulher é “programada” para ser boa mãe/esposa. Em Roma, por exemplo, a garota a partir da idade de doze anos já era considerada apta para o casamento, já os garotos poderiam se casar a partir da idade de quatorze anos. É importante destacar que embora a idade mínima para o casamento de uma jovem fosse doze anos, era comum que as meninas se casassem antes da primeira menstruação, como é apontado no livro *História das Mulheres no Ocidente*, com autoria de Michelle Perrot e Georges Duby: “A idade da puberdade é do começo da fecundidade se a garota se casou antes da puberdade ou logo a seguir. Na situação do mundo romano, as mulheres, casadas muito jovens, podiam engravidar entre 13 aos 50 anos” (DUBY, PERROT,1991, p. 362).

A maioria desses casamentos acontecia entre meninas muito jovens e homens mais velhos, alguns pais pediam para que o casamento de fato só fosse consumado após uma data anteriormente acordada entre pai e o noivo. Porém, este acordo muitas vezes não era cumprido: “O casamento é realizado por vezes sob a condição de não ser consumado, mas um documento mostra que a promessa não é sempre cumprida e que uma jovem foi definitivamente mutilada por relações sexuais precoces” (DUBY, PERROT,1991, p. 362).

De um modo geral, o casamento tem um peso maior para lado feminino (como apontado anteriormente) desde a antiguidade, e no início da juventude nós mulheres somos preparadas para esse acontecimento, criando uma espécie de padrão de “esposa ideal” que perdurou e ainda é encontrado na atualidade em alguns locais.

Partindo desse argumento, apresento duas fontes de cultura material que exemplificam a questão do padrão estabelecido na antiguidade que podemos encontrar nos dias atuais. A primeira fonte consiste em uma lápida presente na muralha da cidade de Barcelona. A muralha romana foi construída provavelmente no século IV d.C, seu perímetro era de aproximadamente 1.350 metros e os materiais usados para sua construção foram pedras e concretos, em sua maioria. Também foram utilizados restos de monumentos e lápides funerárias em sua construção, um bom exemplo é a fonte apresentada:

Figura 1- Muralha de Barcelona



Fonte: Acervo pessoal Cláudio U. Carlan. AE 1987, 723 = HEp 2, 1990, 70.

Na imagem acima apresentada encontramos a seguinte inscrição: Á Antônia Siloniana, filha de Lúcio. Caio Êlio Cotta, que desempenhou todas as dignidades públicas, dedicou este monumento à melhor e mais rara das esposas. Podemos notar que este epitáfio de certo modo representa o que se espera de uma mulher livre na antiguidade: uma filha e uma boa esposa

Fugindo do padrão feminino antigo apresentado a cima, nos deparamos com Helena de Constantinopla:

Figura 2 - Verso e Anverso - Moeda Helena



Fonte: disponível no site do acervo online Tesorillo.

Flavia Julia Helena nasceu em Drepanum, na Bítinia por volta 250 d.C(sec III) - esta região é atualmente localizada a noroeste da Ásia Menor, mais precisamente na região

conhecida como Anatólia, dentro do território Turco. Sobre sua origem familiar nada se sabe, somente que ela provinha de uma família humilde.

Existem poucos dados sobre os primeiros anos de vida de Helena, muito disso talvez ocorra pelo fato que nos anos de sua infância Helena não era uma figura de grande importância na sociedade romana. Durante a juventude, Helena passou a trabalhar como criada<sup>4</sup> em uma taverna/pousada, onde conheceu Constâncio Cloro (306) com quem manteve um longo relacionamento de concubinato e deste relacionamento nasce seu filho Constantino. É importante destacar que as criadas de tavernas e pousadas eram vistas de certa forma como uma subclasse da profissão prostituta: elas trabalhavam nesses locais e tinham total liberdade em oferecer seus serviços aos viajantes que passavam por lá. Nesse sentido, vale ressaltar que no império a prostituição não era uma prática ilegal, era uma profissão reconhecida. A maioria das profissionais dessa área eram escravas, contudo, haviam mulheres livres que, devido à situação econômica, atuavam nessa profissão.

O relacionamento dos dois se manteve estável segundo os padrões da época por um longo período, dessa união surgiu Constantino, que nasceu no ano de 272. Anos após o nascimento de seu filho, Constâncio repudia Helena para então se casar com Teodora, filha do então imperador Maximiano (250 - 310), união essa que pode ser vista como matrimônio totalmente voltado para política e social, já que facilitou a entrada de Constâncio na Tetrarquia e fez com que seu status social subisse. Após a separação do casal, Helena ficou sozinha, ou seja, sem um *parter familias*, desse modo podemos pensar que Helena passou a exercer domínio sobre si mesma, assumindo para si a responsabilidade da educação de seu filho Constantino.

Durante a pesquisa sobre Helena foi possível perceber que é extremamente difícil encontrar fontes que falem sobre ela diretamente, contudo, é possível traçar dados de sua vida por meio das narrativas voltadas a Constâncio Cloro e Constantino. Quando fazemos essa investigação a partir das narrativas voltadas a Constâncio Cloro é possível perceber que, após a separação do casal, Helena praticamente some das narrativas e somente volta a ser mencionada quando Constantino se torna imperador. Existe a hipótese levantada pela autora Isabel Lassala Navarro em sua tese de doutorado, publicada pela Universidade de Zaragoza,

---

<sup>4</sup> O termo aqui se refere a uma mulher que trabalha em uma pousada/taverna e que fazia alguns favores sexuais aos clientes do estabelecimento em questão.

intitulada *Helena Augusta: Uma biografia histórica*, de que Helena teria sofrido *Damnatio Memoriae*<sup>5</sup>.

A ascensão política de Constantino em 306 após a morte de seu pai trouxe um grande impacto na vida de Helena, que passou a ser uma figura de suma importância para o governo de seu filho, fato esse que era reconhecido pelo próprio imperador que atribuiu a ela os títulos de nobilissima feminae e Augusta. Além desses títulos, Helena foi uma figura de grande importância na política interna e externa romana já que ajudou a consolidar o cristianismo através de sua peregrinação à Terra Santa, além de sua influência exercida em decisões políticas e pessoais sobre seu filho Constantino.

As duas fontes apresentadas anteriormente demonstram dois extremos de mulheres da antiguidade: a primeira é exemplo da mulher liberta que possuía família, e posteriormente tornou-se esposa valiosa segundo os padrões antigos e segundo o próprio marido, conforme é enfatizado na fonte. A segunda mulher é uma ex-funcionária de taverna que posteriormente conseguiu a posição de concubina de um homem poderoso que deu fruto ao seu único filho. Após um período de relacionamento, Constâncio Cloro a abandonou por um casamento melhor e Helena caiu em esquecimento, voltando a ser citada somente com ascensão de seu filho como imperador.

Podemos reconhecer a relevância social e política de Helena por meio da amoedação, que no império romano além de seu valor monetário, servia como um meio de comunicação entre governo e população. Por meio de imagens contidas na cunhagem é possível passar mensagens à população, em sua grande maioria analfabeta.

No verso da moeda notamos, por meio da imagem, que a moeda se encontra desgastada; pode se atribuir o desgaste a uso de circulação da peça já que a mesma foi produzida em bronze - material que tinha maior circulação - também às condições às quais a peça foi exposta e aos meios que em que a moeda foi armazenada antes de estar sobre a posse do acervo. Segundo a descrição da peça presente no acervo, a moeda produzida em bronze possui aproximadamente o peso 1,58 gramas e mede cerca de 15 mm. Podemos observar a face estampada no verso da moeda representada mais jovem do que a idade que tinha quando faleceu, na cunhagem podemos notar olhar da imperatriz voltado para direita o que indica que a moeda foi produzida postumamente, encontramos também no verso da moeda a seguinte legenda: (FL IVL ) HE-LENAE – AG.

---

<sup>5</sup> Em Latim significa condenação da memória. De maneira explicativa, são apagados os vestígios sobre a pessoa condenada por essa lei.

No anverso da moeda encontramos uma alegoria que representa a paz, segurando em sua mão direita um ramo e na mão esquerda uma cruz. Segundo o autor Jean Chevalier, podemos definir alegoria como “uma figuração sobre uma forma quase sempre humana, embora às vezes animal ou vegetal, de um feito de um ser abstrato” (CHEVALIER, 1997p.18). Pode-se observar também a seguinte legenda: PA-X PV- (BLICA). Segundo o mesmo autor, a presença da cruz representa a presença do Messias: “A iconografia cristã usa muito para expressar a provação do Messias como a sua presença: onde está a cruz existe o crucificado” (CHEVALIER,1997 p.363). Para o autor, o uso dos ramos simboliza, na vertente cristã, um tributo ao vencedor ligado a um ato cristão, a procissão de ramos que se encontra narrada na bíblia; pode se dizer que os ramos simbolizam o triunfo de um vencedor, e no caso da fé cristã, o triunfo do vencedor da fé cristã;

Na tradição cristã, um tapete de ramos ou ramos agitados simbolizam o tributo pago ao vencedor. A primeira Antífona da procissão de ramos confirma este sentido: “ As Multidões vêm flores e palmeiras para atender o Redentor elas pagam uma justa homenagem a triunfo do vencedor. Nações celebram ao filho de Deus. Em louvor a Deus eles ressoam as vozes para o céu: Hosana! ” Era uma tradição aclamar os heróis e os grandes brandindo os ramos verdes. (CHEVALIER,1997 p.867)

Esta amoedação produzida entre os anos de 337-340 na primeira oficina de Treveri, foi uma homenagem feita por seu neto Constâncio II. Nas duas fontes podemos notar que Antônia Siloniana é apresentada como a mulher ideal, filha e esposa, e Helena é seu oposto: de origem humilde, prostituta, concubina, uma mulher que foi esquecida para não manchar a imagem de Constâncio Cloro e só volta à tona no governo de seu filho. Apesar de serem de padrões opostos, ambas apresentam uma similaridade importante: ambas só são conhecidas por meio de terceiros e não são apresentadas por elas mesmas.

Partindo do ponto que as mulheres em fontes antigas são representadas por terceiros, destaco agora uma fonte escrita, a obra *A Arte de Amar*, de Ovídio. Públio Ovídio Naso foi um poeta nascido em 43 a.C em Sulmona, região de Abruzos na Itália, filho de uma família rica de cavaleiros, migrou para Roma ainda muito jovem. Em Roma, Ovídio começou a declamar seus primeiros poemas em público, isso possibilitou a oportunidade de se relacionar com diversos intelectuais do período. Devido a esse convívio e suas declamações em público Ovídio se tornou um poeta de grande sucesso na alta sociedade romana.

Devido ao teor de suas obras, Ovídio foi considerado por muitos um poeta polêmico, e por esse motivo chegou a ser exilado do império romano, dado o desejo do imperador em estabelecer e manter a ordem em seu governo. Com sua obra *A Arte de Amar* não foi

diferente: seu livro gerou grande alvoroço na sociedade romana devido à maneira pedagógica que Ovídio aborda o amor, a sensualidade e a sexualidade.

A obra *A Arte de Amar* foi escrito entre os anos entre 1 a.C e 1 d.C, a obra é composta por três livros. É importante ressaltar que inicialmente Ovídio pretendia publicar a obra somente com dois livros, contudo, resolveu anexar um terceiro livro dedicado exclusivamente às mulheres. O primeiro livro da obra de Ovídio é dedicado a orientar o homem a seduzir uma mulher, no segundo livro Ovídio auxilia o homem depois de conquistar a mulher pretendia, a manter a paixão da relação, e no terceiro e último livro da obra o autor se dedica em orientar a mulher como seduzir e como se portar perante um homem.

Devido à importância, e até mesmo as polêmicas que as obras de Ovídio geraram em seu contexto histórico, muitos autores se sentem instigados a produzir estudos sobre o poeta e suas obras. Um exemplo é um estudo realizado pela mestra em história social Ana Lúcia Santos Coelho, da Universidade Federal do Espírito Santo, denominado *Sexualidade e Poder: Os ensinamentos amorosos de Ovídio em confronto com a ordem visual das Urbs de Augusto*. Neste artigo a autora discorre sobre o governo de Augusto (27 a.C-14 d.C), que realizou em Roma grandes obras, como edificações de templos, teatros e basílicas. Estas obras realizadas pelo imperador tinham propósito de materializar o seu poder e grandeza como líder. A autora faz uma análise de como as urbs augustanas foram acolhidas e utilizadas por Ovídio no âmbito do amor e da sedução. Outro autor que também utilizou as obras de Ovídio em seu trabalho foi Pierre Grimal, que dedica um capítulo de seu livro *O Amor em Roma*, para discorrer sobre Ovídio e suas obras, enfatizando em seu texto aspectos da vida de Ovídio e traços de sua personalidade. Em ambos os trabalhos citados podemos notar a presença feminina em diversos aspectos da vida e obra de Ovídio.

Após essa pequena introdução sobre o autor e a fonte, destaco alguns trechos do livro III da obra, que foi feito em específico para as mulheres. O primeiro a ser destacado é um conselho que o autor dá as mulheres sobre a juventude e a questão da idade:

Tempo há de vir em que tu, que agora enjeitas os amantes, hás de dormir, enregelada e velha, na solidão da noite, e não há de a tua janela ser quebrada por briga noturna, nem vais encontrar, pela manhã, rosas espalhadas à tua porta. Bem depressa, pobre de mim! O corpo amolece de rugas, e desaparece, no rosto que era luzidio, a cor, e os cabelos brancos que juras que tinhas já em menina, de súbito se espalham por toda a cabeça. As serpentes despem, com a pele fina, a velhice (OVÍDEO, 2011,p.308)



Neste trecho o autor, aconselha as mulheres que aproveitem sua juventude, para encontrar e manter um amante e não os rejeitar, pois segundo suas palavras, quando a mesma já não possuir mais a jovialidade não será capaz de conseguir companheiro, pois os homens já não se sentirão atraídos por seu corpo mole, com rugas e cabelos brancos. Nota-se nesse trecho que Ovídio atribui os aspectos naturais do envelhecimento do corpo humano como algo extremamente prejudicial às mulheres. Ao longo do livro três de sua obra, o autor profere várias “dicas” às mulheres, como o exemplo abaixo sobre os cabelos e penteados femininos: “É a elegância que nos cativa. Não ande desganhado o cabelo; o trabalho das mãos dá e tira beleza. E não há um gênero só de penteado; o que a cada uma fica bem, que o escolha e consulte, antes de mais, o seu espelho”. (OVÍDIO.2011, p.311)

E ele continua com seus conselhos;

Rara é a beleza que está livre de defeito; disfarça os defeitos e, tanto quanto puderes, esconde as mazelas do teu corpo. Se és pequena, senta-te, para, de pé, não pareceres sentada, e estende-te, por pequena que sejas, no teu leito; mesmo aí, para não poderem tirar-te a medida, quando estendida, esconde os pés, lançando-lhes por cima o manto; a que é delgada demais, vista roupa de pano grosso e faça cair dos ombros um manto largueirão; a que tem uma cor desmaiada traga no corpo riscados de púrpura; se és morena em demasia, parte em busca da ajuda dos tecidos de Faros; o pé chato deve ficar sempre resguardado dentro de sapato branco e fino, e pernas descarnadas não devem andar sem correias; ficam bem pequenos chumaços em ombros altos; à volta de peito raso deve passar um corpete. Deve acompanhar de gestos curtos tudo quanto disser aquela que possui dedos gordos e unhas sujas; a que tem mau hálito nunca fale em jejum e guarde sempre distância do rosto do seu homem; se tens dentes negros ou grandes ou tortos,<sup>80</sup> enorme é o teu prejuízo quando te rires. (OVÍDIO,2011, p.316)

Na obra pode se notar que Ovídio tem um grande interesse pela cosmética e universo feminino, a maneira como ele fala sobre a mulher é diferente de outros autores da antiguidade. Contudo, mesmo que Ovídio apresente um certo fascínio pela figura feminina, sua narrativa é repleta de representações masculinas de como uma mulher deve ou não ser, ou se comportar, e ainda é carregado de estereótipos sociais da antiguidade que só enfatizam o silêncio que as mulheres sofreram ao longo da história - como é apontado pela autora Michelle Perrot, já abordado anteriormente neste texto e também enfatizado pela autora Mary Beard no livro *Mulheres e poder: um manifesto*:

Há em tudo isso, entretanto, mais do que veem os olhos. Essa “mudez” não é apenas um reflexo do esvaziamento geral do poder feminino em todo o mundo clássico: nenhum direito de voto, independência legal e econômica limitada, e assim por diante. Em parte, sim. Sem dúvida, não se esperava das mulheres antigas que

levantassem a voz numa esfera política em que não tinham participação formal alguma. Mas estamos lidando com uma exclusão muito mais ativa e intensa das mulheres do discurso público – e com um impacto muito maior do que em geral reconhecemos em nossas próprias tradições, convenções e suposições relacionadas à voz feminina (BEARD, 2018,p.19.)

A próxima fonte abordada é Estela funerária de Lutatia Lupata, que se encontra presente no acervo do Museo Nacional de Arte Romana em Mérida:

Figura 3 - Estela de Lutatia Lupata



Fonte: Museo Nacional de arte Romano. AE 1959, 29

A imagem da estela impressiona devido aos detalhes em sua produção e ao ótimo estado de conservação. A peça, segundo os dados do museu, possui 60 centímetros de altura, 36,50 centímetros de largura e 17 centímetros de profundidade. Esta peça foi descoberta entre os anos de 1956 e 1957, por Sr. Antônio Garcia y Bellido, então catedrático de arqueologia na universidade Complutense de Madri. Usando como referência o texto *La docencia femenina en la hispania romana: una infundada conjetura*, de Juan José Seguí Marco, podemos - segundo a tradução dos dizeres da peça - traçar dados importantes da figura representada: Lutatia Lupata morreu com 16 anos e de certo modo foi nomeada assim como uma forma de Homenagem Lutatia cognomen Severa:

El texto nos da a conocer el nombre y la edad de la niña que vemos tocando el laúd: *Lutatia Lupata*, de dieciséis años cuando le sorprendió la muerte. La dedicante se llamaba como la difunta, *Lutatia*, y de cognomen *Severa*. La coincidencia del *nomen* hace sospechar si la palabra «alumna» ha de tener aquí un sentido más familiar que docente. Yo me inclino, sin embargo, por el segundo, pues en caso contrario se hubiese hecho constar aquel vínculo familiar. Habría que pensar, pues, que *Lutatia Lupata* era discípula de la dedicante *Lupatia Severa*, y que ésta, al morir la niña, le dedicó el monumento, en el cual se hizo representar tocando el *pandurium*. La identidad del *nomen* habría que atribuirlo, pues, a pura casualidad, o bien a alguna relación no sanguínea; *Lutatia Severa* pudo haber sido liberta de la familia, aunque es raro, tampoco se haga constar (GARCÍA BELLINO, 1957. p.192)

Em relação à fonte, existem algumas divergências entre os estudiosos onde é discutida a questão falecido x a pessoa que dedicou o monumento. O estudioso Garcia Iglesias acredita que Lutatia Lupata seria uma liberta que foi acolhida desde a infância por Lutatia Severa. Garcia Bellino, porém, acredita que Lutatia Lupata seria discípula de Lutatia Severa. Ambas as hipóteses entram no contexto do trabalho feminino na antiguidade. Como é de conhecimento de todos, existem trabalhos e tarefas que são atribuídos a pessoas por distinção de gênero, ainda hoje é possível ouvir que algum serviço não é de mulher ou algum trabalho não é de homem, afirmações carregadas de estereótipos e preconceitos.

Sempre que pensamos nas mulheres e trabalho estamos condicionados a pensar na introdução feminina nesse mercado somente no século XX. Porém, com base em estudos sociológicos e históricos é possível verificar que as mulheres ao longo da história sempre trabalharam, contudo algumas das tarefas realizadas por elas não eram remuneradas, diferente do que ocorreu no século XX.

Existem poucas referências sobre o trabalho feminino na literatura latina. Devido a isso, a epigrafia, a iconografia e estudo da cultura material como um todo foram de suma importância para evidenciar os ofícios femininos da antiguidade. Muitos dos ofícios femininos estão ligados aos trabalhos domésticos, têxteis e de cuidados no geral se executados por mulheres livres e escravas. Na tese de doutorado intitulada *Mujeres y economia em la Hispânia romana oficios, riquezas y promocion social*, a autora Silvia Medina Quintana nos aponta algo extremamente importante, já discutido por Michelle Perrot, que é o fato de se fazer pesquisas de maneira generalizada sem distinção sexual, fazendo assim que se torne difícil traçar dados específicos sobre as mulheres:

Nas obras gerais da História da Hispânia também não há dados. efeitos significativos no trabalho das mulheres. Na obra de José María Blázquez e outros autores, *Historia de España Antigua*, em tempos republicanos não se fala de trabalhadores nem de trabalhadores, e quando se referem a escravos, escravos não são mencionados. Em quanto a era imperial, eles falam de mulheres, proprietários

ou parceiros de negócios específicos parentes, como Caecilia Materna e Aelia Optata (QUINTANA,2014,p.32)

Como fica evidente na citação, essa generalização em documentos e livros que abordam antiguidade como um todo impossibilita uma real análise da situação da mulher em sociedades na antiguidade. Conforme apresentado anteriormente, a maioria das tarefas realizadas pelas mulheres tinha um caráter doméstico e de cuidados, não remuneradas, que não eram muito valorizadas no mundo antigo e na atualidade ainda não são. Dentro deste contexto, podemos destacar a maternidade como um ofício feminino;

A maternidade, junto com trabalho têxtil, é tarefa feminina mais elogiada na literatura greco-latina, e as vezes é apresentada como a verdadeira “obra” das mulheres, correspondendo a sua natureza. Textos literários e de direito por esse motivo, apontam que principal objetivo do casamento é garantir a descendência, e como consequência um dos maiores infortunos de uma mulher é esterilidade que, por outro lado sempre foi atribuída a mulher em caso de casais que não tinham prole. (QUINTANA,2012p.43)

Quando falamos aqui de maternidade, não falamos somente do ato gerar uma criança tendo a mulher como um ser incompleto, um receptáculo, como algumas teorias da antiguidade defendiam <sup>6</sup>. Cabia à mãe educar a criança, transmitindo os valores sociais nos quais estavam inseridos, em especial era dever da mãe educar e preparar as filhas para que estas posteriormente fossem capazes de educar e preparar seus filhos. Em caso de famílias mais humildes, cabia à mãe, além da educação, a preocupação em relação a alimentos e vestimentas de um modo geral, manter o bem-estar familiar.

Além do ofício materno e do trabalho têxtil, as mulheres se ocupavam na fabricação de pães, manutenção do fogo usado para alimentação e também havia as mulheres que eram proprietárias de terras, que podem ser denominadas como camponesas. As mulheres na antiguidade também desempenhavam o papel de parteiras e, muito embora não haja vestígios escritos sobre elas na Península Ibérica, acredita-se que nesse território existiam mulheres que desempenhavam essa tarefa.

As parteiras estavam envolvidas em tarefas médicas como assistência ao parto, problemas ginecológicos, e em alguns casos preocupavam-se com questões médicas gerais. Sorano explica em seu tratado de Ginecologia, o trabalho realizado por parteiras como deve ser, física e moralmente, remédios para promover a concepção e facilitar o parto. Parece que durante o parto normal atividade principal da parteira é somente interrompida em casos de complicações onde um médico intervém. (QUINTANA,2014,p.51)

---

<sup>6</sup> Aristóteles e Platão defendiam que a mulher é ser incompleto, um erro da natureza um homem sem sêmen que servia como receptáculo para o embrião.

Quando falamos em ofícios, temos que levar em conta que em sua grande maioria as profissões na antiguidade são aprendidas e passadas em ambiente familiar de pais para filhos, de geração a geração. Outro ponto importante é que conhecimentos ligados à cosmética, biologia e botânica eram conhecimentos ligados à figura feminina, frequentemente transmitidos de mães para filhas, o que possibilitava um número bem grande de mulheres com conhecimentos em plantas medicinais e ligados ao funcionamento do corpo humano.

## **5 DESCRIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM**

Ao longo dos anos as novas tecnologias de informação vêm ganhando espaço na vida dos seres humanos, e no ambiente escolar não seria diferente. É comum encontramos crianças e adolescentes totalmente habituados com novas tecnologias de informações. Com a pandemia, o distanciamento social e aulas fora do ambiente escolar (ensino remoto) esses apetrechos tecnológicos, que na maioria das vezes eram vistos pelos alunos como materiais de lazer, se tornaram essenciais para educação.

Dito isso, quando pensamos em educação escolar, como educadores temos que ter consciência de que existem várias formas de aprender. Por exemplo, existem alunos que são mais estimulados a aprender de maneira visual, ou seja, necessitam de imagens para conseguirem assimilar o que está sendo ensinado, do mesmo modo existem alunos que são estimulados pela audição, conseguem compreender o conteúdo ouvido, há também muitos outros estímulos. A partir dessa premissa, a introdução de novas tecnologias no ambiente escolar torna-se extremamente eficaz e útil aos educadores e educandos, pois serve de motivador educacional, criando dessa maneira novos modos de ensinar e aprender.

No ambiente escolar encontramos com mais facilidade os computadores, porém com o cenário da pandemia, o celular se tornou extremamente importante para o dia - a - dia do aluno. Pensando nisso e na proposta de Objeto de Aprendizagem do Programa de Pós-graduação em História Ibérica, foi criado um jogo que tem como propósito estimular pedagogicamente os alunos.

Os jogos computadorizados são instrumentos estratégicos para as aulas podendo ser trabalhados de maneira interdisciplinar, além de ser um suporte que pode auxiliar e estimular o processo ensino- aprendizagem, de maneira lúdica e prazerosa para os alunos. (BARBOSA,2013, p.40)

Os jogos se tornaram um instrumento muito adaptável no ambiente educacional, pois são capazes de atingir diversos aspectos do aluno e isso ocorre devido à característica motivacional que o jogo possui. Devido ao caráter lúdico, os jogos vêm se destacando muito na escola, pois podem aperfeiçoar o aprendizado, além de apresentar aos alunos novas maneiras de ter aulas.

Os jogos vêm ganhando cada vez mais espaço nas escolas na busca de inserir a ludicidade na sala de aula e aperfeiçoar o aprendizado. A pretensão de grande parte dos professores ao utilizar os jogos é fazer com a aulas sejam mais agradáveis visando uma aprendizagem mais fascinante. Além disso, estes tipos de atividades são estratégias que estimulam o raciocínio, guiando o aluno ao enfrentamento de situações do seu dia a dia. (BARBOSA,2013, p. 41)

A partir dessa perspectiva e com base no convívio em sala de aula, e embasado nos currículos escolares, pode-se notar que Cultura Material, Iconografia, Numismática e a História das mulheres são pouco abordadas ou apresentadas de maneira superficial no ambiente escolar. Partindo deste pressuposto, a proposta do objeto de aprendizagem é abordar de maneira pedagógica os temas acima citados, a fim de propagar a história das mulheres ibéricas e romanas por meio da cultura material, da numismática e da iconografia.

Seguindo a BNCC<sup>7</sup> e o PCN<sup>8</sup> e CBC<sup>9</sup> mineiro, o tema proposto teria como público alvo os alunos do 6º ano do ensino fundamental II, e seria contextualizado no Eixo I: Introdução aos Estudos Históricos, História de Vida, Diversidade Populacional e Migrações Locais, Regionais e Internacionais, com o tema: História de Vida, diversidade populacional, emigração dentro do conteúdo: Grécia e Roma, cultura greco-romana, organização político social e expansão territorial.

Quando pensamos em educar, pensamos em formar cidadãos. Como é defendido por Durkheim em seu texto *Educação e Sociologia*, a educação tem como principal propósito desenvolver no indivíduo a perfeição que ele é capaz; já para Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, a educação escolarizada funciona como um dispositivo encarregado de fabricar um tipo determinado de indivíduo. Segundo o texto *Educação, Educações e Educação*, do autor Paulo Romualdo Hernandes, a diferença entre a educação formal e a informal se encontra no controle do que e onde é ensinado:

O que diferencia a educação formal da informal é justamente o aparecimento é o controle sobre o que e a quem se ensina o que, portanto, tem relação com poder, e da

---

<sup>7</sup> Base comum curricular.

<sup>8</sup> Parâmetros curriculares nacionais.

<sup>9</sup> Currículo básico comum do Estado de Minas Gerais.

existência de um lugar apropriado para o ensino e a aprendizagem. Mas, esse lugar apropriado não se estabelece sem contar também com pessoas próprias para o ensino e para a aprendizagem. Ou seja, sai de cena a comunidade como educadora-educanda das gerações e entra, no espaço da escola, os mestres e os educandos escolhidos. (HERNANDES, p.8)

A escola é o lugar do ensino formal, na qual a maioria dos professores atua e na qual vamos no ater hoje para realização do nosso objeto de aprendizagem e da sequência didática. Dentro do contexto da escola encontramos bem explícita a relação de poder, citada acima pelo autor, no livro didático que aborda temas que são previamente selecionados pelos órgãos governamentais por meio dos currículos nacionais e estaduais.

O livro didático pode ser entendido como um material pedagógico mediador de conhecimento, e a autora Circe Bittencourt ressalta de maneira sucinta a concepção desse conceito de materiais didáticos:

Uma concepção mais ampla e atual parte do princípio de que os materiais didáticos são mediadores do processo da aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina- no nosso caso, da História. (BITTENCOURT,2008 p.296)

O livro em vários aspectos torna-se muito importante para o cenário escolar, o primeiro ponto a se destacado é seu caráter de controle, que é exercido por meio dos currículos que logo anteriormente neste texto já foram citados. Pode se dizer que a escolha do material didático do aluno é uma questão muito importante, pois o livro é um dos instrumentos de trabalho do professor e do aluno, e em alguns casos é o único livro ao qual o aluno e seus familiares têm acesso. A produção do livro didático sempre teve grande destaque devido à preocupação que os órgãos governamentais têm pelo o conteúdo presente nesse tipo de literatura:

A produção dessa literatura didática tem sido objeto de preocupações especiais de autoridades governamentais, e os livros escolares sempre foram avaliados segundo critérios específicos ao longo da história da educação. Os livros e História, particularmente têm sido vigiados tanto por órgão nacionais como internacionais, sobretudo após o fim da Segunda Guerra Mundial. A partir da segunda metade do século passado, divulgavam-se estudos críticos sobre conteúdos escolares, nos quais eram visíveis preconceitos visões estereotipadas de grupos e populações. Como se tratava da fase pós-guerra, procurava-se evitar, por intermédio de suportes educacionais, qualquer manifestação que favorecesse sentimentos de hostilidade entre os povos. Nessa perspectiva, a História foi uma das disciplinas mais visadas pelas autoridades. Essa vigilância é visível ainda na atualidade, como bem se demonstra a imprensa periódica (BITTENCOURT, 2008, p.300)

Talvez devido ao fato de que a disciplina de História seja tão visada, devido ao seu conteúdo, existem tantas críticas e deficiências a esse material que é muito importante para a escola e, sobretudo para os alunos, já que por meio da disciplina História (e da educação como todo), como enfatiza o autor Tomaz Tadeu, os alunos fogem da construção educacional voltada em criar profissionais padronizados e se focam em uma educação humanizada, formando um indivíduo com identidades multiculturais e próprias.

Voltando aos livros, se perguntarmos aos professores se eles enquanto profissionais têm críticas a esse material didático, em sua grande maioria, os profissionais apontariam diversas. Sem dúvida a que mais se destacaria seria a deficiência de conteúdo e de conceitos que, de algum modo, pode ser justificado pelos poderes exercidos pelos currículos (CBC, PCN, BNCC) e pela vigilância que recaí sobre a disciplina. Pensando nesse ponto, a ideia, por meio do objeto de aprendizagem, aborda assuntos que não são levantados nos currículos e consequentemente nos livros didáticos, criando assim, por meio da sequência didática, a possibilidade de os alunos compreenderem os conceitos de cultura material, numismática, iconografia e sobretudo aprendam sobre a História das mulheres ibéricas e romanas.

Para isso, vamos dissertar um pouco de como os conceitos de cultura material (incorporando iconografia e numismática) e história das mulheres são abordados pelos livros didáticos. Ao analisarmos a cultura material nos livros encontramos um grande problema relacionado à descrição deste conceito, como é abordado por Felipe Pregnoatto:

É de fundamental importância aprofundarmos do conceito de cultura material, em função da inexistência de oposição entre cultura material e imaterial. O que existe é uma dimensão material da cultura humana e, por material devemos entender tudo aquilo que é apreendido pelos sentidos. Portanto, tanto uma cadeira, uma música ou uma ponte são parte da cultura material. O fato das funções sociais serem diferentes e o fato de os historiadores partirem de estruturas de informações escritas, usando a cultura material para corroborar e exemplificar o que já foi “dito e escrito”, leva a um uso empobrecido e confuso das diferentes formas de cultura material (PREGNOLATTO, 2006, p. 21)

O argumento do autor torna-se extremamente pertinente. Os livros sempre apresentam a cultura material como imagens ilustrativas a fim de exemplificar algum conteúdo ou apresentar de maneira equivocada um determinado período da história, desqualificando assim todo o trabalho historiográfico conceitual que se tem por traz da fonte material. Cada fonte material apresenta uma especificidade diferente (material de produção, época de produção, imagens representadas etc.) e devido a isso deve apresentar uma maneira de análise diferente:



A única diferença na análise de uma ponte e um quadro é aquela relacionada com as características de cada objeto (para se estudar uma ponte são necessários conhecimentos sobre pedras, tijolos, cálculos de vão livre enquanto para analisar um quadro os conhecimentos devem ser sobre pigmentos, perspectiva etc). (PREGNOLATTO,2006, p.21)

Partindo desse ponto, a proposta do objeto de aprendizagem é trazer de maneira didática os conceitos de cultura material, iconografia, numismática, para que os alunos do 6º ano do ensino fundamental II possam entender que não se tratam somente de peças antigas que foram produzidas pelos homens de séculos passados, mas sim de materiais que, por meio das análises, no nosso caso iconográficas e numismáticas, compreendem a cultura, a política e as mulheres da Península Ibérica e Roma.

Ao analisarmos os livros didáticos pensando a figura feminina encontramos poucos pontos abordados, sobretudo quando recortamos para as regiões romanas e ibéricas - esta última em alguns casos pouco ou quase nunca aparece nos livros. Podemos usar como exemplo o livro do 6º ano do ensino fundamental II, *História. Doc* dos autores Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro Farias e Daniela Buono Caladinho, que pouco nos traz sobre as mulheres na antiguidade:

Apesar de autores qualificados, o livro História.doc (VAINFAS et al,2015), infelizmente, apresenta entre suas páginas uma única menção à História das Mulheres, no conteúdo sobre a Grécia Antiga, inserida num tópico sobre a “Educação Espartana”, no qual são dedicados quatro linhas sobre a educação feminina em Esparta. (FEITOSA,2018,p.198)

Como apontado pela autora, e de certo modo comprovado por mim enquanto educadora - já que usei o livro como aporte pedagógico no ano de 2019 na rede pública estadual de Minas Gerais - a história das mulheres é negligenciada em materiais pedagógicos. Neste contexto, podemos acrescentar que a cultura material nos livros didáticos, em especial neste anteriormente citado, é apresentada aos alunos de maneira simplória e pouco aprofundada. A partir desse argumento, o Objeto de aprendizagem tem como proposta apresentar de maneira pedagógica esses conceitos.

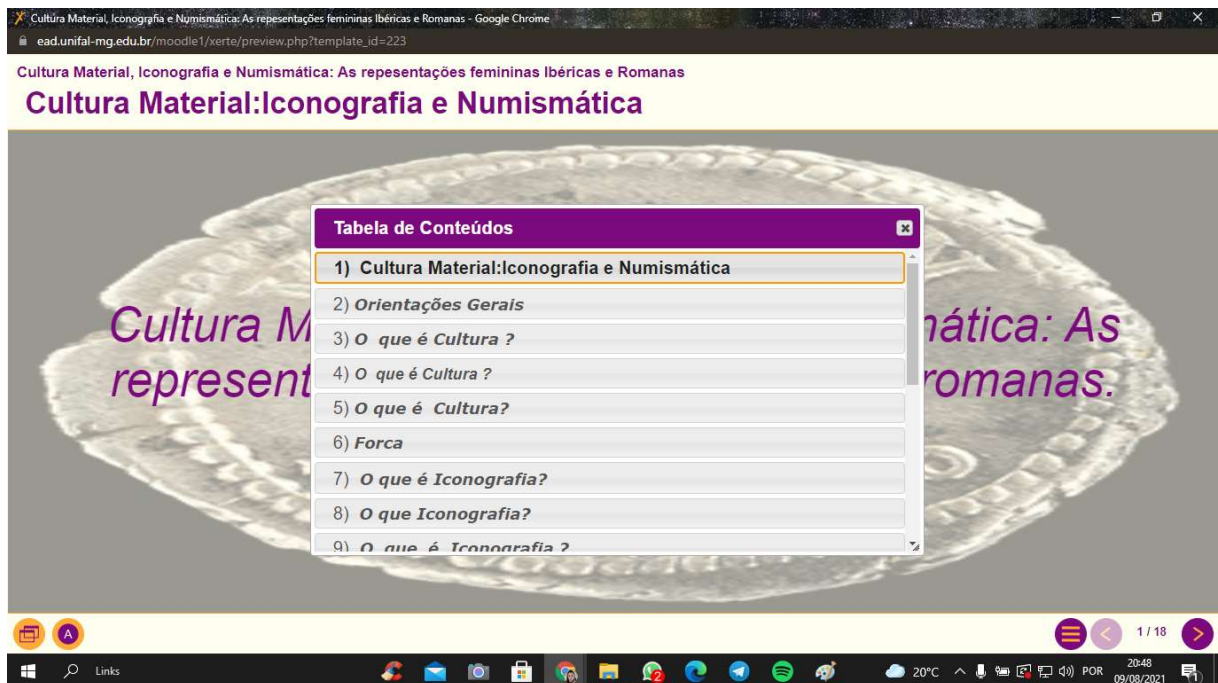
Para isso foram usados dois programas: o Xerte, que é um programa de código aberto que auxilia na produção de objetos de aprendizagem como páginas de internet interativas e programas interativos que podem ser utilizados sem o uso de internet; e o Gimp, que é um editor de imagens. O primeiro passo realizado no programa Xerte foi fazer uma capa para o Objeto e uma contracapa com um sumário que possibilita ao usuário fácil acesso ao conteúdo disponível:

Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



Fonte: imagem da autora

Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



Fonte: imagem da autora

Como apresentado na imagem, a capa contém ao fundo a imagem de uma cultura material, que possui iconografia e é uma fonte numismática, juntamente com o título do

objeto, na segunda imagem encontramos a tabela de conteúdos que apresenta todo material disponível no objeto, oferecendo uma visão geral ao usuário e que pode ser acessado com click.

Em seguida temos a página que contém as orientações gerais do objeto de aprendizagem: aqui será possível compreender a ideia do objeto, para quem ele serve e seu público alvo. Essa página se torna de suma importância, pois ajuda alunos e professores a compreenderem do que se trata o objeto de aprendizagem, como é apontado na imagem a baixo:

Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=223

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**Orientações Gerais**

**Objetivos**  
O Objetivo desse objeto de aprendizagem é *apresentar uma maneira sucinta e didática a história das mulheres ibéricas e romanas por meio da cultura material, análise numismática e ionografia*

**Público Alvo**  
*Alunos do primeiro do ano do ensino fundamental II -6º série*

**Pré requisito**  
-Conhecimento prévio em História  
-Gostar de História

**Para que serve**  
*Recurso criado para auxiliar o ensino de história nos anos iniciais do Ensino fundamental II -6º*  
- Textos de fácil entendimento  
- Imagens  
- jogos

Fonte: imagem da autora

Nessa imagem, encontramos algumas instruções de como o material pode ser usado dentro e fora da sala de aula, apresentando os pré-requisitos, os objetivos e também o público alvo. Nas próximas imagens, é apresentado de maneira simplificada e com linguagem de fácil compreensão o conceito de cultura. A ideia é apresentar o conceito de cultura de maneira descomplicada para que os alunos de 6º ano do fundamental II e demais pessoas possam compreender, disseminado o estudo de História fora do ambiente acadêmico.



## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=223

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Cultura ?**

*Quando pensamos o que é cultura ? o que vem a nossa cabeça? Aposto que assim como eu, vem em sua mente literatura, a música os filmes. Mas, a cultura é somente isso?*

Links

20°C 20:50 09/08/2021

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=223

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Cultura ?**

**Vamos entender o que é cultura?**

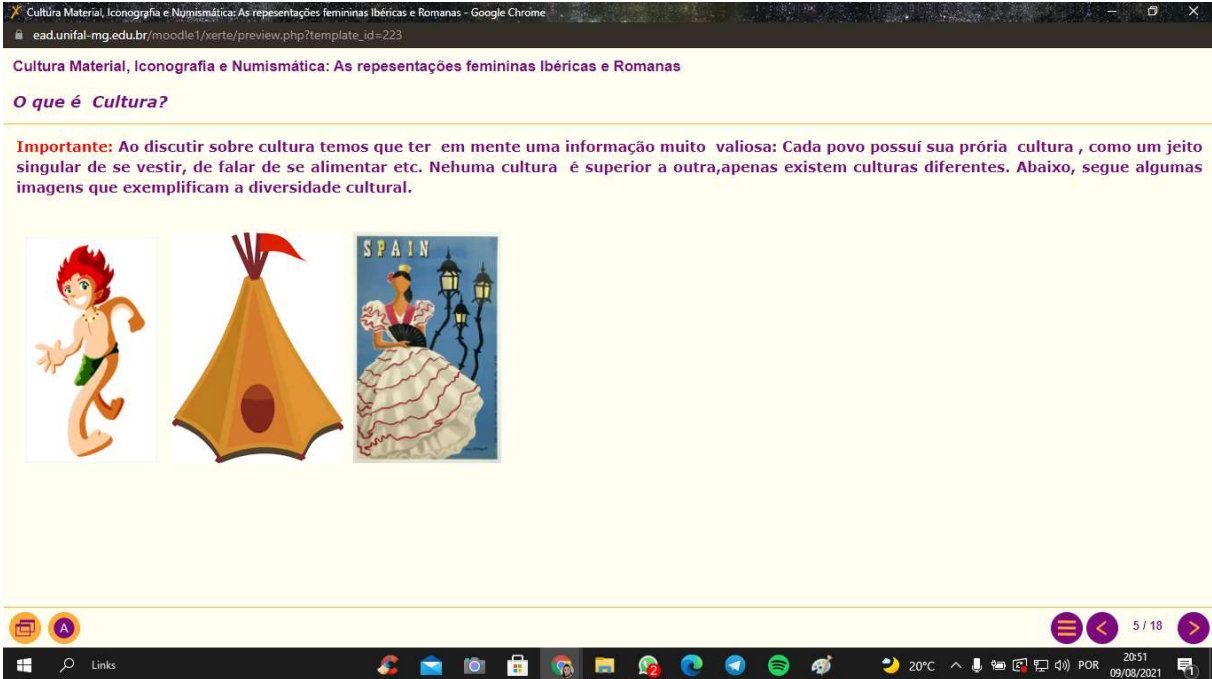
- 1. Cultura:** Cultura é tudo aquilo que foi e, é produzido pelo o ser humano ao longo dos tempos. Cultura também pode ser entendido como o resultado do trabalho manuais ou pensamentos dos seres humanos.Podemos classificar a cultura em duas categorias: cultura material e imaterial.
- 2. Cultura Material:** A cultura material está associada aos elementos materiais e, portanto, é formada por elementos palpáveis e concretos. Em outras palavras cultura mateial é tudo aquilo que pode ser medido ou pesado como por exemplo quadros e igrejas.
- 3. Cultura Imaterial:** A cultura imaterial está relacionada com os elementos espirituais ou abstratos, por exemplo, os saberes e os modos de fazer. De maneira exemplificada cultura imaterial é tudo aquilo que produzido pelo homem que não é palpável ou seja tudo aquilo que nao pode ser medido ou pesado, como por exmplo a liguagem musica .

Links

28°C 14:35 12/08/2021

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho




Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=223

**Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas**

**O que é Cultura?**

**Importante:** Ao discutir sobre cultura temos que ter em mente uma informação muito valiosa: Cada povo possui sua própria cultura, como um jeito singular de se vestir, de falar de se alimentar etc. Nenhuma cultura é superior a outra, apenas existem culturas diferentes. Abaixo, segue algumas imagens que exemplificam a diversidade cultural.



Fonte: imagem da autora

A proposta foi apresentar de maneira didática e lúdica o conceito de cultura material e imaterial, apresentando aos alunos imagens de fatos culturais que fazem parte do seu cotidiano, como a música e cinema. Para isso foi usado o programa Gimp para cortar algumas dessas imagens. Futuramente, para aumentar o grau de acessibilidade, podem ser acrescentados ao objeto áudios e vídeos. Em seguida iniciamos duas atividades sobre cultura material e imaterial:

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**Forca**

*Apreedemos muitas coisas novas!  
Com base nos nossos novos conhecimntos vamos jogar Forca?*

c \_ l \_ \_ a \_ \_ a \_ \_ a \_ l

Exercise 1 of 6

Fonte: imagem da autora

A primeira atividade do objeto de aprendizagem foi feita pelo próprio Xerte, ela consiste em jogo da forca, com seis palavras. São elas: cultura, cultura material, cultura imaterial, mulher, sociedade e moeda. Como apresentado na imagem, a proposta é que após o conceito de cultura ser apresentado aos alunos, eles consigam assimilar seu significado por meio do jogo.

Logo em seguida partimos para mais dois conceitos propostos que são de iconografia numismática:


## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Iconografia?**

*Durante muitos anos os seres humanos usaram como forma de linguagem as imagens ou desenhos. Os homens pré-históricos são um exemplo de humanos que usaram como linguagem as imagens.*



7 / 18

20°C 10:56 10/08/2021

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que Iconografia?**

*Após esse exemplo, vamos entender de maneira simples o que significa essa palavra?*

**Iconografia:** De maneira sucinta, iconografia significa o estudo de imagens, seja pinturas, retratos, gravuras entre outros. No Brasil, a iconografia é de suma importância para compreensão da construção histórica da nossa sociedade.

8 / 18

20°C 10:57 10/08/2021

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Iconografia ?**

**IMPORTANTE:**

*A iconografia, as relações de poder ligadas a uma certa representação são mais que um meio de comunicação, de linguagem, de exposição dos grandes mistérios, da mitologia, religião, cultura, política ou sociedade. A revolução da imagem como meio de comunicação inicia outros caminhos (IN: CARLAN, 2015.P. 4)*

Links 20°C 10:58 10/08/2021

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho


Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Numismática?**

*Já se perguntaram o que é Numismática? Não? Pois bem, vou explicar !!*

*Numismática se caracteriza pelo estudo das amoeções ou seja o estudo das moedas*



Links 20°C 10:58 10/08/2021

Fonte: imagem da autora




## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é Numismática?**

*A moeda mostra-se uma excelente fonte, pois, a partir de sua análise, encontramos diversos aspectos que abrangem a série na sua totalidade. Ou seja, aspectos políticos, estatais, jurídicos, religiosos, econômicos, mitológicos, estéticos. Podendo informar sobre os mais variados retrospectos de uma sociedade. (CARLAN, 2015.p. 6 )*



11 / 18

Fonte: imagem da autora

Novamente, para produção desses materiais foram usadas imagens que foram editadas no Gimp. Em seguida foi feito um jogo de caça palavras para assimilação do conteúdo apresentado anteriormente:

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**Caça- Palavras**

*Após aprendermos um pouco sobre os conceitos de iconografia e numismática, vamos brincar de caça-palavras?*

J	D	T	G	S	L	R	C	K	R	G	F	V
F	N	V	G	K	V	U	A	L	E	V	J	H
I	H	H	C	A	L	T	L	D	P	I	I	H
M	C	S	H	T	R	A	A	T	R	V	J	J
B	G	R	U	N	G	D	I	O	E	U	E	M
S	H	R	D	P	E	H	O	R	S	R	N	A
K	A	A	G	I	B	O	H	N	E	S	E	D
S	W	O	C	F	M	Y	B	H	N	T	G	E
A	W	O	M	E	S	O	L	U	T	G	A	O
S	S	I	J	P	E	U	I	M	A	G	E	M
L	I	Y	B	Y	M	H	R	V	Ç	V	F	V
T	H	C	W	U	T	F	P	M	Ã	P	V	A

- moeda
- imagem
- material
- mulher
- representação
- desenho
- cultura
- sociedade

12 / 18

Fonte: imagem da autora

Em seguida foi feita a apresentação do último tema proposto: História das mulheres.

#### Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é História das Mulheres?**

*Sempre que estudamos História nos deparamos com grandes figuras ilustres masculinas como Pedro Alvarés Cabral, Napoleão Bonaparte, entre outros. Mais nunca nos perguntamos onde estão as mulheres no contexto histórico? E o que é História das Mulheres?*

A slide features a large, hand-drawn green question mark in the center. The browser's taskbar at the bottom shows the date 10/08/2021 and time 11:01.

Fonte: imagem da autora

#### Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

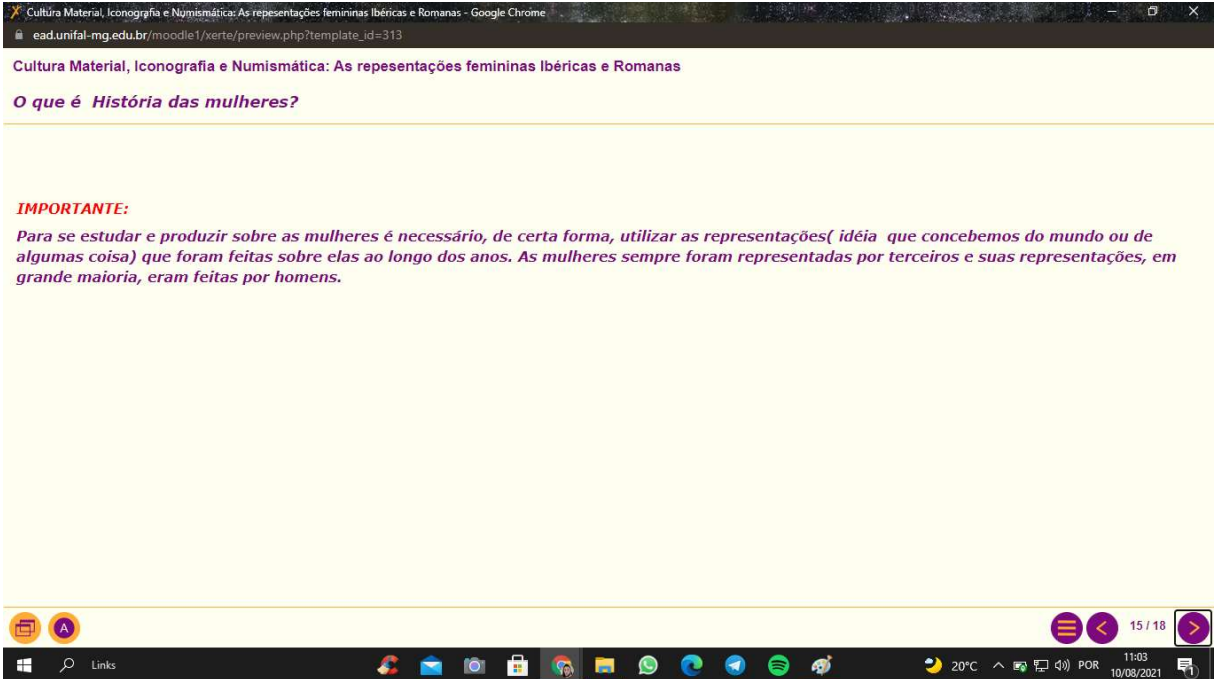
**O que é História das Mulheres ?**

*O surgimento da História das mulheres teve início na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos na década de 1960. Os fatores contribuíram para esse processo, foram questões científicas e política, podemos citar como exemplo o movimento de libertação feminino que teve seu apogeu em meados das décadas de 1960-1970.*

The slide contains a large, faint question mark in the background. The browser's taskbar at the bottom shows the date 10/08/2021 and time 11:02.

Fonte: imagem da autora

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas - Google Chrome  
ead.unifal-mg.edu.br/moodle1/xerte/preview.php?template\_id=313

Cultura Material, Iconografia e Numismática: As representações femininas Ibéricas e Romanas

**O que é História das mulheres?**

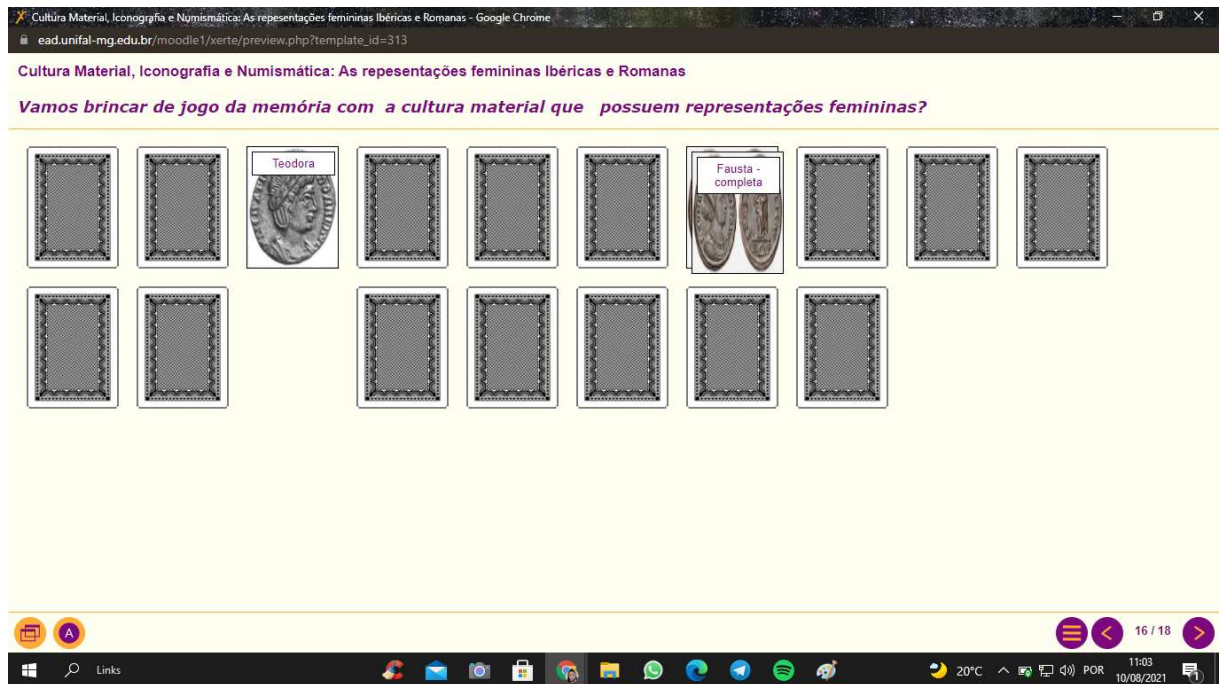
**IMPORTANTE:**

*Para se estudar e produzir sobre as mulheres é necessário, de certa forma, utilizar as representações( idéia que concebemos do mundo ou de algumas coisa) que foram feitas sobre elas ao longo dos anos. As mulheres sempre foram representadas por terceiros e suas representações, em grande maioria, eram feitas por homens.*

Fonte: imagem da autora

A ideia abordando esse tópico é instigar o questionamento dos alunos sobre o porquê de as mulheres não serem abordadas nos livros de História de maneira aprofundada. Em seguida foi produzida outra atividade: um jogo da memória com peças da cultura material que possuem representações femininas. O propósito do jogo, além de claro, incentivar o ensino de História de maneira lúdica, é divertir os alunos e apresentar algumas das possibilidades de fontes que a cultura material nos possibilita.

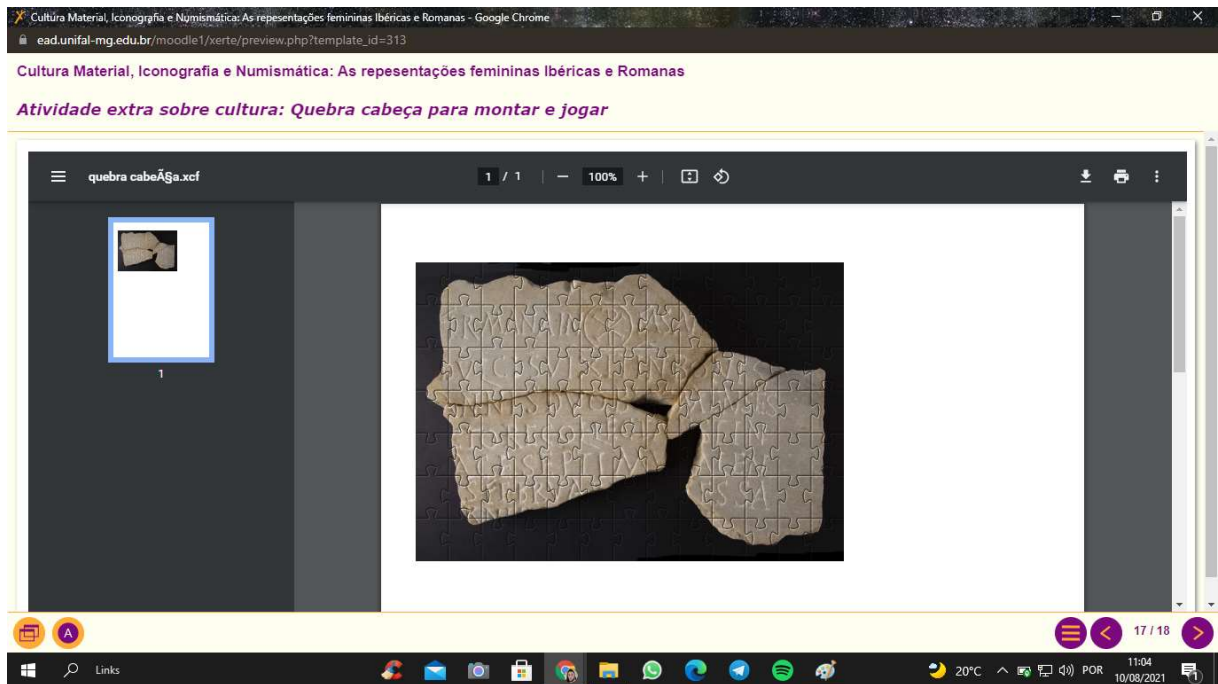
## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



Fonte: imagem da autora

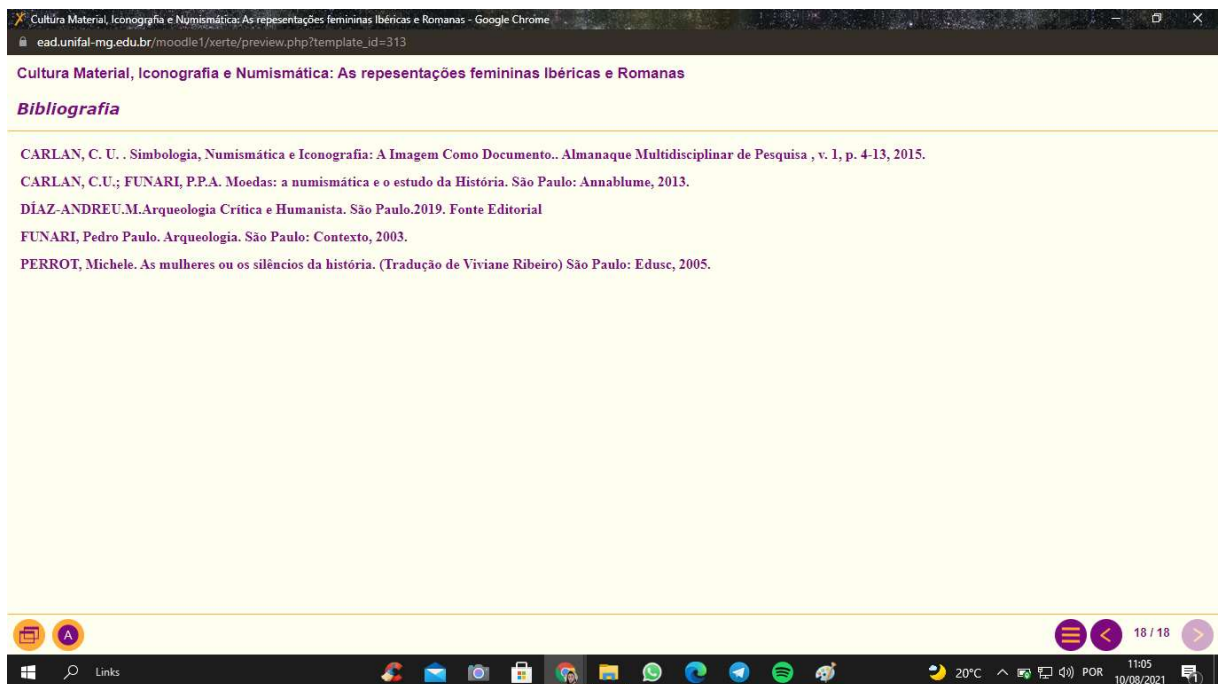
Em seguida, foi disponibilizado dentro do objeto de aprendizagem um PDF de uma fonte de cultura material, para confeccionar dentro ou fora da sala de aula um jogo de quebra cabeça. A priori a ideia era fazer o jogo dentro do próprio objeto, contudo devido à dificuldade de encontrar um programa ou aplicativo de código aberto que possibilitasse a confecção do mesmo, foi optado por oferecer o PDF.

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



E finalizando o Objeto de aprendizagem, foram apresentadas algumas referências bibliográficas que auxiliaram na produção do objeto.

## Objeto de aprendizagem – Denise Carvalho



Fonte: imagem da autora

De maneira geral, a principal proposta do objeto de aprendizagem era apresentar aos alunos os conceitos de cultura material, iconografia, numismática e história das mulheres, relacionando a populações ibéricas e romanas, a fim de suprir a necessidade de abordar esses assuntos que não são apresentados nos livros didáticos (ao menos de maneira tão aprofundada) e nem nos currículos escolares. O objeto também se concentrou em transmitir esses conceitos de maneira didática e lúdica por meio dos jogos que podem ser jogados dentro da sala de informática da escola e também no ambiente familiar.

Após apresentar de maneira detalhada o objeto de aprendizagem, exponho um pequeno plano de aula para alunos do 6ºano do ensino fundamental II. Em um primeiro momento para trabalhar o tema proposto, será apresentado de maneira pedagógica o conceito de cultura material, enfatizando o que caracteriza esse conceito, a sua importância para história e levando exemplos que estão presentes de certa maneira em seu cotidiano. Também serão apresentadas aos alunos a iconografia e a numismática, para que sejam apresentados a novas interpretações de fontes, desconstruindo no imaginário dos alunos a ideia de que a fonte é somente documento escrito e oficial.

Desse modo, os alunos passarão a pensar além da fonte escrita. Também é importante salientar que as fontes materiais têm as possibilidades de serem apresentadas aos alunos de maneiras diferentes (como o próprio material palpável ou por imagens), possibilitando aos alunos maneiras diferentes de absorver o conhecimento, seja pelo toque ou pela imagem, ambas as maneiras podem trazer às fontes novos detalhes antes não percebidos; por exemplo: através do zoom de uma imagem podemos identificar detalhes que a olho nu não poderiam ser enxergados. Já para trabalhar a história das mulheres ibéricas e romanas será trabalhado o conceito de história das mulheres, dialogando de maneira didática o porquê as mulheres não são destacadas na história.

Para isso, será utilizado como referencial teórico historiográfico para trabalhar o conceito de representação o texto *Roger Chartier e a noção de representação: Definições, diálogos e contexto historiográfico no século XX*, da autora Franciele Machado. Como a proposta é analisar as representações femininas, este texto se tornou de suma importância, pois explica como Roger Chartier elaborou e trabalhou com tal conceito, ajudando assim na compreensão e no uso do mesmo. Um fato de suma importância para esse texto é que a autora traz a construção do conceito de representação para Chartier a partir do seu diálogo com autores das ciências sociais, que segundo os argumentos da autora contribuíram para a estruturação do conceito para o autor, este fato apontado por Machado ajuda na melhor compreensão e auxilia no uso adequado do conceito.

Será trabalhado também o próprio texto do autor, *O mundo como representação*, onde Chartier enfatiza que as representações se caracterizam como o modo que em diferentes lugares a realidade social é formada (por meio de divisões e classificações), criando assim sujeitos sociais. Para ele, os códigos e padrões são compartilhados e podem variar, porém são historicamente construídos e determinados por relações de poder e conflitos dos grupos sociais, as representações são expressas por discursos, porém ele salienta que as recepções dos discursos variam, pois dependem do processo de assimilação e compreensão de cada sujeito.

Para trabalhar o conceito de representação dialogando com a perspectiva de Chartier, também será utilizado o conceito de representação segundo a historiadora Sandra Pesavento, que em seus trabalhos aponta que as representações são atividades mentais e históricas que dão sentido à sociedade, e por meio delas se cria a identidade. A historiadora defende que as representações criam a realidade, porém uma realidade imperfeita. Para Pesavento as representações se expressam em discursos, ganhando várias configurações que competem entre si, estabelecendo relações de poder, dessa maneira a representação dominante passa a ser vista como realidade.

Partindo desse pressuposto, abordamos agora um texto que trabalha o conceito de representação. Muito embora não seja abordando as mulheres ibéricas e romanas, o texto nos traz uma ideia de como trabalhar as mulheres de sociedades diferentes utilizando tal conceito. O texto *Mulheres da Antiguidade: Apenas um espelho*, da autora Tais Pagoto Belo, nos traz uma reflexão sobre as mulheres na Antiguidade. A autora se concentrou em fazer uma análise sobre as representações das mulheres na antiguidade e salienta que durante um longo período a história das mulheres sofreu, segundo suas palavras, com diversos preconceitos, e as figuras femininas foram prejudicadas, pois sempre eram retratadas ligadas à figura de um homem e sempre de maneira submissa.

Voltado também para as representações femininas, o livro *Minha História das mulheres* traz uma reflexão sobre as mulheres e produção historiográfica. A autora Michelle Perrot levanta argumentos de suma importância para a compreensão e pesquisa das mulheres na história. Perrot, aponta em seu livro que durante muitos anos a história das mulheres se encontrou silenciada e negligenciada e esse silêncio se tornou algo que acabou influenciando muito a pesquisa sobre as mulheres. Segundo a autora há poucos vestígios históricos que abordam as mulheres, e quando há fontes, são fontes que foram escritas por terceiros. Além dessa argumentação, Michelle Perrot faz apontamentos sobre as mulheres em diversos aspectos sociais que perpassam a vida da mulher, como a mulher e aparência, a mulher e religião, a maternidade e a vida cotidiana.

Para trabalhar o conceito de cultura material e iconografia serão usadas as obras *Arqueologia* do autor Pedro Paulo Funari, e *Arqueologia Crítica e Humanista* da autora Margarita Díaz – Andreu, ambos os livros trazem uma proposta de pensar a arqueologia de maneira crítica a partir dos artefatos, enfatizando o conceito de cultura material e seu uso, e sua importância para história.

E por fim, para trabalhar o conceito de numismática e iconografia será usado o livro *Iconografia e Semiótica Uma Abordagem Histórica*, dos autores Ronaldo Auad, Pedro Paulo Funari e Cláudio Carlan. Geralmente o estudo iconográfico das amoedações é feito com o auxílio de dicionários de símbolos para facilitar a compreensão das imagens representadas; no caso dessa pesquisa, será usado o dicionário de símbolos do autor Jean Chevalier.

Tendo em vista que em uma turma de 6º ano são 3 aulas semanais na conjuntura do ensino presencial, a proposta de duração da sequência didática seria de 4 aulas. A primeira aula seria uma aula expositiva e dialogada, usando como base o livro *Historia Antiga de la Península ibérica* do autor Juan José Sayas Abengochea, e o texto de Pedro Paulo Funari *Romanas por elas mesmas*, ambos os textos nos trazem contextualização historiográfica para lidarmos com o recorte proposto .

Já para segunda aula - também expositiva e dialogada - seriam contextualizados os conceitos de Cultura material, numismática e iconografia. O primeiro seria contextualizado por meio do texto *A cultura material no estudo das sociedades Antigas* do autor Ulpiano T. Bezerra Menezes. Já para contextualizar numismática e iconografia será utilizado o texto *Simbologia, Numismática e iconografia a imagem como documento*, do autor Cláudio Umpierre Carlan. Esses textos serviriam como base para a contextualização e diálogo com os alunos sobre os conceitos.

Na terceira aula seria feita uma oficina sobre fontes, onde seriam apresentados aos alunos imagens e objetos que representem as fontes materiais e imateriais (como monumentos, quadros, comidas típicas, moedas, entre outros). O propósito da oficina seria observar se os alunos conseguiram absorver o conhecimento, e como eles enxergam as figuras femininas que aparecem ou não nas imagens. A quarta aula seria feita em um laboratório de informática, o intuito seria apresentar aos alunos o objeto de aprendizagem, o objetivo seria avaliar os alunos sobre os conteúdos que foram apresentados nas aulas anteriores.

Para preparação da sequência seria utilizada na primeira e na segunda aula uma sala comum, onde haja a possibilidade de todos os alunos se sentarem em roda para que a aula expositiva dialogada flua de maneira melhor. Na terceira aula seria necessário um datashow para apresentação dos slides com as imagens de fontes de cultura material e imaterial. Na



quarta e última aula, como foi apontado acima, seria necessário um laboratório de informática onde os alunos tivessem acesso a computadores, não seria necessário um computador para cada aluno, já que o objeto pedagógico pode ser realizado em dupla ou um aluno de cada vez.

No decorrer da primeira aula seria feita uma avaliação diagnóstica, a fim de compreender o que os alunos sabem sobre as mulheres ibéricas e romanas da antiguidade, e também compreender o que os alunos conhecem sobre as regiões do recorte proposto. Na segunda aula seria observado, por meio também de uma avaliação diagnóstica, o que os alunos conhecem de cultura material, iconografia e numismática. A partir do diagnóstico, seriam apresentados aos alunos os conceitos de maneira pedagógica. Na terceira aula, seria observado como os alunos interagem com as fontes materiais e imateriais (por meio de imagens ou matérias) e seria observado se eles compreenderam os conceitos anteriormente apresentados. Na quarta e última aula, seria feita uma avaliação por meio do objeto de aprendizagem, seria observado como os alunos interagem com o objeto, se apresentam dificuldades em identificar as fontes a partir do conceito, se conseguem absorver conhecimento por meio do objeto. A partir da absorção feita durante essa aula, seria aderido na média dos alunos uma pontuação máxima de 6 pontos.

Pensando no cenário do ensino remoto e nas dificuldades enfrentadas por professores e alunos para continuar com ensino mesmo à distância - como tempo com alunos é bem pequeno no ensino remoto e nem sempre participam devido à disponibilidade - foi pensando em um primeiro momento disponibilizar aos alunos objeto de livre acesso através de computador em residência ou celular; a segunda hipótese seria apresentar o objeto no encontro virtual, usando o material teórico anteriormente apresentado como aporte ao professor.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, P. A. ; MURAROLLI, P. L.. JOGOS E NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO. Perspectivas em Ciências Tecnológicas , São Paulo. v. 2, p. 39-48, 2013
- BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- BÉLO, TAÍS PAGOTO ; FUNARI, PEDRO PAULO ABREU. As romanas e o poder nos Anais de Tácito. São Paulo: CLASSICA - REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS , v. 30, p. 75-90, 201
- BITTENCOURT, Circe. **Livros e materiais didáticos de História. Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008
- BUENO, A.; DURAO, G. (Org.). Novos olhares para os antigos: visões da antiguidade no mundo contemporâneo. 1. ed. Rio de Janeiro: Revista Sobre Ontens, 2018. v. 1. 468p.
- CARLAN,C.U. **Moeda e poder em Roma- um mundo em transformação**. São Paulo: Annablume, 2013.
- CARLAN, C.U.; FUNARI, P.P.A. **Moedas: a numismática e o estudo da História**. São Paulo: Annablume, 2013.
- CARLAN, C. U; RAMALHO, J. ; FUNARI, P. P. A. . Constantino e o Triunfo do Cristianismo na Antiguidade Tardia. **Fonte Editorial**, São Paulo, 1. ed. v. 1. 2016.
- CARLAN, C. U. **Imagem e poder: as moedas e a propaganda política / religiosa no quartoséculo cristão**. 1998.
- CARLAN, C. U; FUNARI, P. P. A. Moedas: A Numismática e o Estudo da História. 1. ed. **Annablume**, SãoPaulo, v. 1, 2012.
- CARLAN, C. U. Antiguidade Tardia: o Império Romano e as representações monetárias. **Romanitas - Revista De Estudos Grecolatinos**, São Paulo, 2017.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olimpyo, 1997.
- DÍAZ-ANDREU.M. **Arqueologia Crítica e Humanista**. São Paulo. Fonte Editorial, 2019.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. 10 ed. Trad. de Lourenço Filho. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- DUBY. Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente. Volume 1: a antiguidade**. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.
- EDMONDSON, Jhonathan In: G. Bravo y R. González Salinero (eds.), **XI Coloquio de la AIER. Conquistadores y conquistados: relaciones de dominio en el mundo romano**, Signifer Libros, Madrid, 2014.

FEITOSA, L. C. **Masculino e Feminino na sociedade romana: os desafios de uma análise de gênero**. In: CANDIDO, Maria Regina [org.] *Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora-DG Ltda, 2012

FREDEL, K. M. **Arqueologia de Gênero**. 1. ed. Erechim: Habilis, 2015.

FREISENBRUCH, A. **As primeiras Damas de Roma- As mulheres por trás dos Césares**. [tradução Andrea Gottlieb de Castro Neves]. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FRIGHETTO, Renan. **A antiguidade tardia: Roma e as monarquias Romano- Barbaras: numa época de transformações (séculos II - VIII)**. Curitiba, PR: Juruá, 2012.

FLORENZANO, M. B. B. Fontes sobre a origem da moeda: apresentação crítica. **Boletim da Sociedade Brasileira de Numismática**, São Paulo, v. 56, p. 47-67, 2005

FLORENZANO, M. B. B. Cunhagens e Circulação monetária na Antigüidade Clássica: o testemunho dos tesouros monetários. **Dédalo**, São Paulo, v. 26, p. 139-148, 1988.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Romanas por elas mesmas. **Cadernos Pagu**, v.5, 2009.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; RAMALHO, J. As representações do imperador Constantino na estatuaría e na epigrafia romanas. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, v. 10, p. 26-47, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

García y Belido, Antonio: «Estela emeritense de Lutatia Lupata», **Archivo Español de Arqueología**, pp. 242-243, 1957.

GRIMAL, Pierre. **Amor em Roma**, 1ª edição brasileira. Ed.Martins Fontes, 1991.

LOUREIRO, Leonor (trad). **História de Roma**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LUTATIA, Estela. Disponível em:

<http://ceres.mcu.es/pages/ResultSearch?Museo=MNAR&txtSimpleSearch=Estela%20de%20Lutatia%20Lupata> Acesso em: 02/02/2020

MATOS, M. Izilda S. . História das Mulheres e das Relações de Gênero: Campo Historiográfico, Trajetórias e Perspectivas. **Revista Mandrágora**, São Paulo. v. 19, p. 5-15, 2013

MARTÍNEZ, M.L.; MARTÍNEZ, L.L. Santa Elena y el hallazgo de la Cruz de Cristo. **Revista comunicación y Hombre**, n.3, 2007.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n.115, p. 103-117, 1985.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n.115, p. 103-117, 1985.

MOREIRA, R. A.; Cláudio Umpierre Carlan ; FUNARI, P. P. A. Iconografia e Semiótica: uma abordagem histórica **Annablume**, São Paulo . 1. ed, v. 1, 2015.

MOCELLIN, R. **As Mulheres na Antiguidade**. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

NAVARRO, Isabel. S. **Helena Augusta: Uma biografia histórica**. Prensas de la Universidad, Universidad Zaragoza. Zaragoza, 2009.

OVÍDIO. *Amores & Arte de Amar*. Trad. Carlos Ascenso André. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

PEDRO, J. M. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi - Revista de História** , São Paulo.v. 12, p. 270-283, 2011.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. [Tradução de Angela M. S. Corrêa]. 2ª edição. São Paulo: Contexto 2013.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. (Tradução de Viviane Ribeiro) São Paulo: Edusc, 2005.

PREGNOLATTO , Felipe .**A cultura material na didática da História**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2006.

QUINTANA, Silvia Medina. Mujeres y economía en la Hispania romana. Oficios, riqueza y promoción social. **Colección Deméter 4**, Oviedo, Editorial Trabe, 2014.

SAYAS ABENGOCHEA, Juan José. **Historia Antigua de la Península Ibérica**: (plan nuevo):(consideraciones sobre el temario y materiales básicos para la preparación de la historia antigua de la Península Ibérica). Madrid: UNED, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v 16, n. 2, pp 05-22, jul./dez. 1990.

SEGUI, MARCO. Historia de la educación. **Revista interuniversitaria**, N° 34, 2015.

SOUZA, M.P.; FEITOSA, L. M. G. C. Olhares sobre as mulheres da Antiguidade em livros didáticos: (des)construindo esteriótipos de gênero?.*Hélade*, Rio De Janeiro, v. 4, p. 183-205, 2018.

RAGO, L. M. As Mulheres Na Historiografia Brasileira. **Cultura Historica Em Debate**. São Paulo: UNESP, 1994.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres: uma introdução teórica e metodológica**. Dourados: EDUFGD, 2012.

TESORILLO. Acervo online disponível em [https://www.tesorillo.com/bajo\\_imperio/elena/elena.htm](https://www.tesorillo.com/bajo_imperio/elena/elena.htm) - Acesso em 20/10/2018